



**Entendendo a Ditadura
Militar brasileira através da:**

Música



A Censura



A censura imposta pelo Ato Institucional Número 5 (AI-5), durante a ditadura militar brasileira, foi um dos períodos mais sombrios para a liberdade de expressão no país. Promulgado em 13 de dezembro de 1968, o AI-5 marcou o início da fase mais dura do regime militar, ampliando significativamente os poderes do Executivo e suspendendo diversas garantias constitucionais, inclusive o habeas corpus para crimes políticos.

Após o AI-5 jornalistas, escritores, músicos, cineastas e professores passaram a ser vigiados e perseguidos. As redações dos jornais eram obrigadas a submeter textos à aprovação dos censores antes da publicação. Notícias sobre tortura, repressão, corrupção e manifestações populares eram proibidas.

No campo da cultura, músicas de protesto, peças de teatro e filmes foram banidos ou tiveram trechos cortados. Artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros, foram censurados, exilados ou pressionados a se calar. Universidades também foram alvos de repressão, com professores demitidos e alunos perseguidos por suas ideias políticas.

A Tropicália

O movimento tropicalista surgiu em meio à repressão militar e à crescente tensão política. Seus artistas buscavam romper com padrões tradicionais e conservadores da cultura brasileira, propondo uma arte provocadora, híbrida e crítica — o que desafiava tanto a direita militar quanto a esquerda tradicional, que muitas vezes via a Tropicália como "alienada" ou "americanizada".

A Tropicália usava a ironia, o deboche e o choque estético como instrumentos de crítica. Isso incomodava o regime militar, que via nesses artistas uma ameaça à ordem moral e política estabelecida.

Após o AI-5, diversas músicas tropicalistas foram censuradas, como:

- "É Proibido Proibir" (Caetano Veloso) — considerada subversiva, virou símbolo da resistência.
- "Geléia Geral" (Gilberto Gil e Torquato Neto) — criticava de forma poética a bagunça política e cultural do país.
- "Divino, Maravilhoso" (Caetano e Gil) — chamava o povo à atenção, com um tom quase de alerta revolucionário.

Além das letras, os shows e apresentações públicas também passaram a ser vigiados, com censores presentes nas plateias.

Em 1969, Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos pelo regime militar, acusados de atividades subversivas. Após meses de prisão e vigilância, foram obrigados a se exilar em Londres. Isso marcou o fim simbólico da Tropicália, embora sua influência cultural tenha se mantido viva.



Como os artistas lidavam com a censura?



Artistas usavam imagens poéticas para criticar o regime sem serem literais. A mensagem estava escondida “nas entrelinhas”, e o público frequentemente conseguia entender o subtexto.

Exemplo:

- "Apesar de você" (Chico Buarque) — parecia falar de um relacionamento amoroso, mas era uma crítica direta ao autoritarismo. O “você” era, na verdade, o regime militar.

Quando a música foi lançada, os censores inicialmente não perceberam. Ao entenderem a crítica, a canção foi proibida e os discos recolhidos.

Palavras e frases ambíguas permitiam que uma canção fosse interpretada de mais de uma forma. Isso confundia os censores, mas os ouvintes captavam a crítica.

Exemplo:

- "Cálice" (Chico Buarque e Milton Nascimento) — a palavra remete à eucaristia, mas no refrão soa como “cale-se”, uma crítica ao silenciamento imposto pelo regime.

Análise das Letras

É PROÍBIDO PROIBIR

CAETANO VELOSO

(...) “Me dê um beijo, meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em
chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças, livros,
sim
E eu digo sim
E eu digo não o ao não
E eu digo
É! Proibido proibir (4X)
Caí no areal na hora adversa
que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que
esteja a alma imersa em
sonhos

Que são Deus
Que importa o areal, a
morte, a desventura, se com
Deus
Me guardei
É o que me sonhei, que
eterno dura
É esse que regressarei
Me dê um beijo meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em
chamas
Derrubar as prateleiras
As estátuas, as estantes
As vidraças, louças, livros,
sim” (...)

TROPICÁLIA

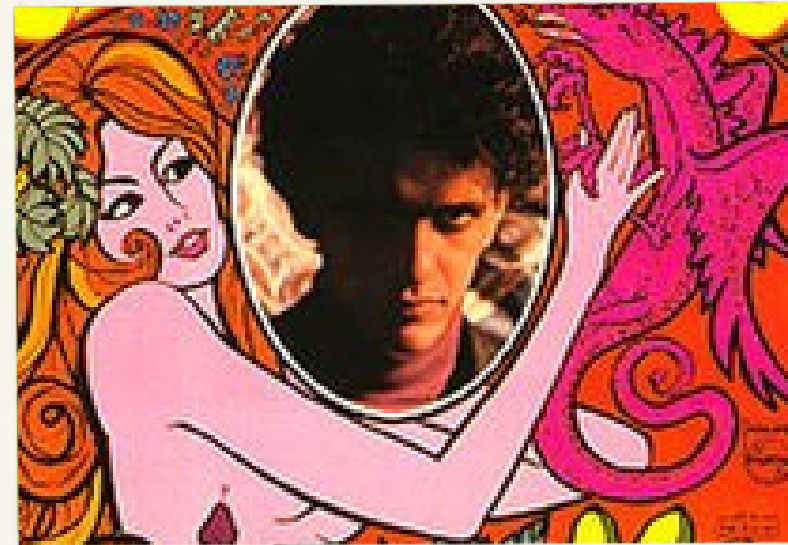
CAETANO VELOSO

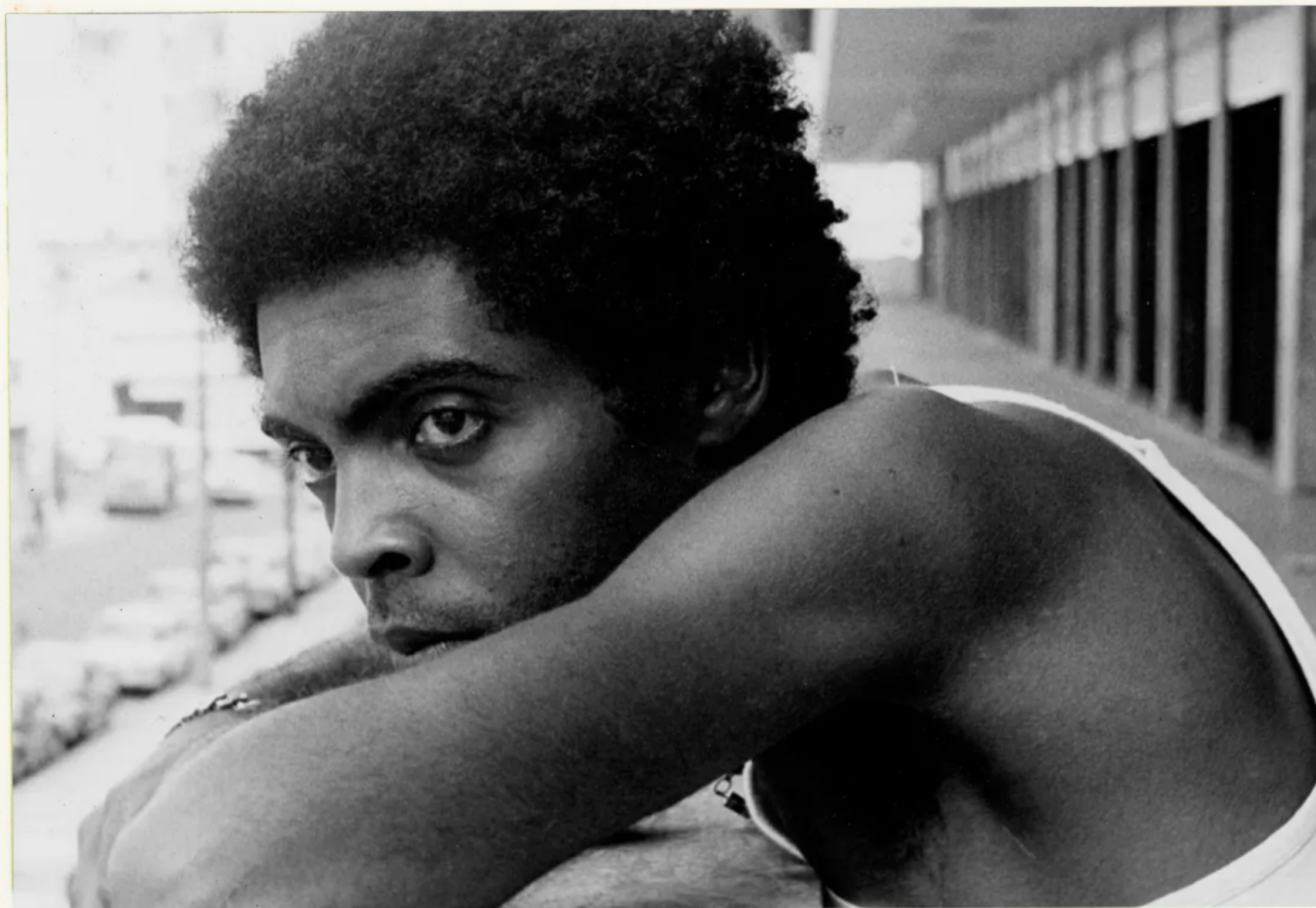
“Quando Pero Vaz de
Caminha
Descobriu que as terras
brasileiras
Eram férteis e verdejantes,
escreveu uma carta ao rei
Tudo que nela se planta,
tudo cresce e floresce
E o Gauss na época, gravou
Sobre a cabeça, os aviões
Sob os meus pés, os
caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz
Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento
No planalto central do país

Viva a bossa-sa-sa
Viva a palhoça-ça-ça-ça-ça
Viva a bossa-sa-sa
Viva a palhoça-ça-ça-ça-ça
O monumento é de papel
crepom e prata
Os olhos verdes da mulata
A cabeleira esconde atrás da
verde mata
O luar do sertão
O monumento não tem
porta
A entrada é uma rua antiga,
estreita e torta
E no joelho, uma criança
sorridente, feia e morta
Estende a mão”
(...)

OUVINDO AS MÚSICAS

Agora é necessário ouvir as músicas abordadas no slide anterior, em respeito à historicidade das obras, impõe-se a necessidade de serem consumidas através do disco de vinil. Conforme os artistas pensaram e produziram a obra.





DEBATE

A sala deve se organizar em roda, cada aluno receberá uma folha com trechos da letra das duas músicas trabalhadas anteriormente.

Sendo assim, é necessário debater o entendimento sobre a lírica das músicas e o período ditatorial brasileiro

BIBLIOGRAFIA

NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar brasileiro. São Paulo:

Contexto, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. Juventude e contracultura. São Paulo: Contexto, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2017.